

AARÃO DE LACERDA

A CAPELA DE NOSSA  
SENHORA DA CONCEIÇÃO  
(BRAGA)



1922

TIPOGRAFIA DE «A TRIBUNA»  
708, Rua Duque de Loulé, 124  
PORTO



W-  
AARÃO DE LACERDA

---

A CAPELA DE NOSSA  
SENHORA DA CONCEIÇÃO  
(EM BRAGA)

---

ESTUDO PUBLICADO NA «REVISTA DA FACULDADE  
DE LETRAS» DA UNIVERSIDADE DO PÔRTO  
ANO 1923—N.ºs 5-6

1923  
TIPOGRAFIA DE «A TRIBUNA»  
108, Rua Duque de Loulé, 124  
PORTO

Biblioteca Lúcio  
Craveiro da Silva

286781  
2009-04-02



## DO AUTOR

---

Da Ironia, do Riso e da Caricatura

Crónicas de Arte—1.º volume

Estética da Arte Popular

Crónicas de Arte—2.º volume

O Museu Regional de Grão Vasco

O Templo das Siglas

Para a Filosofia da Guerra

Para Uma Finalidade da Educação no Actual Instante





Ars fons meae Vitae



A  
VERGÍLIO CORREIA





## A Capela de Nossa Senhora da Conceição

Pouco resta já dêsse velho fausto que outrora exaltou e enriqueceu a cidade onde se levantava hierática de domínio a benção do Primaz das Espanhas. Foi decaíndo o brilho dos cerimoniaes, a imponência da liturgia mantida por um colégio sacerdotal, digno de tradições distantes, onde os mais nobres vultos da igreja peninsular aparecem memorados.

Toledo, a velha cidade prelatícia, com foros de uma pequena Roma, que disputou a Braga a hegemonia religiosa, mantém ainda hoje a pompa dos rituais, engrandecida por um ambiente histórico admirável que paira sobre os seus monumentos erguidos numa architectura que os tempos modernos muito respeitaram no seu traçado e na beleza primitiva da sua ornamentaria castiça. Ali tudo se harmonisa para o realce do culto, desde os metais e as pedras preciosas dos vasos sagrados, desde o ouro e a prata da indumentária à música grandiosa que os organistas e as vozes dos can-

tores espalham pelas naves ungindo-as de além e de mistério.

E Santiago de Compostela conserva, a par da quási integridade dos templos, o exercício brilhante da sua liturgia, o tradicionalismo e a fama dos milagres a envolver a imagem padroeira da sua catedral que os peregrinos abraçam com devoção. Pois Braga de há muito perdeu sua grandeza, facto que a decadência monumental reflecte, agravada ainda pela demolição ou reconstrução bárbara do pouco que ficou. E recordei para comparação exactamente as duas cidades espanholas que mantinham com a nossa uma luta de prestígio ou de primazia.

Braga quási nada nos confia do seu passado, estando, sob o ponto de vista artístico, num lugar bem inferior a Coimbra, Évora ou Viseu, focos de actividade cujos testemunhos permanecem quási puros na venustês dos seus estilos vernáculos, nas preciosidades que ficaram da decoração das suas igrejas.

Fialho de Almeida, num artigo, agora publicado no livro póstumo *Estâncias d'Arte e de Saudade*, condenou bem esta decadência da cidade dos arcebispos, flagelando impiedosamente os seus autores, filiando mesmo esta depressão do gosto estético *numa inveterada negação artística própria já dos portugueses*, incapazes de "transfiltrar da visinha irmã um pouco da elegância e nobreza daqueles seus florescentes períodos construtivos... Em Braga, restauradores e construtores devem ter sido estúpidos mas-



BRAGA

Porta existente hoje na Rua do Sardoal e pertencente à antiga Igreja de Santa Ana,  
demolida há anos

Cl. do Autor.







CAPELA DE NOSSA SENHORA DA CONCEIÇÃO

(FRENTE - VOLTADA A OESTE)

Cl. do Autor.







CAPELA DE NOSSA SENHORA DA CONCEIÇÃO

(LADO SUL)

Cl. do Autor.



marros de cambulhada com arcebispos e municípios irrespeitosos do antigo e incapazes de dar corpo a qualquer espécie de construção monumental. Sem dúvida demoliriam e estragariam os edificios românicos e godos que os hábeis architectos galegos e leonezes dos séculos xi e xvi por lá teriam edificado, e pelos traços que subsistem, cobertos de remendos e correcções de épocas espúrias, fácil se apura a hecatombe odiosa que tem sido. A fúria de renovar e reparar produziu no burgo lôbreco de D. Fr. Bartolomeu, tétanos de asneira a epileptisar de raiva a paciência de qualquer forasteiro iniciado.„

E a linguagem fialhesca, expressiva, de poderoso recorte, cheia de intenção, evóca-nos, páginas adiante, a cidade dos humanistas, Évora, "formidável museu, imenso elucidário à história de Portugal,, conservando íntegras na sua maioria as ossaturas dos seus monumentos.

Braga perdeu a beleza da sua catedral: o edificio grandioso que ela deveria ter sido, é hoje um monumento sem unidade, retalhado e profanado por canteiros bárbaros que odiaram o românico e o gótico, que os descarnaram e ofenderam. Quando ao visitá-lo, se encontra um pormenor isolado, um trecho arcaico que sobrevive, motivos velhos ainda que truncados pelo alvenel iconoclasta, os olhos alegram-se e o espírito entra no recolhimento e começa a imaginar o que foi o templo primaz quando o arcebispo D. Diogo de Sousa, como D. Jorge de Almeida, em Coimbra, espalhava a sua grandeza sacerdotal levantando mo-

numentos religiosos para exaltação da fé, vasados nesse ogival mais nervoso e mais exuberante da decadência, reprimido depois pela linguagem ática do renascimento.

A munificência dêste verdadeiro príncipe da Igreja continua o esforço do seu antecessor, D. Jorge da Costa, o construtor da galilé abobadada que embeleza a frontaria da Sé; e assim povoou de imaginária baldaquinos e nichos, fez lavrar um dos mais notáveis retábulos portugueses, reedificou a abside da catedral, cobrindo-a de nervuras que se entrelaçam na mais elegante composição geométrica, para que os pontificais se celebrassem com mais brilho; construiu a Igreja de Sant'Ana, a Capela de Nossa Senhora a Branca, a Igreja de S. João do Souto e outros monumentos agora destruidos ou completamente alterados, e enriqueceu o tesouro com dádivas preciosas:

"... com a prata e ornamentos que elle só deu, se podia bẽ servir hũa das maes graves, e ricas Sés de toda a Hespanha „ (1)

Legislador, fundador, restaurador, são estes os attributos da sua personalidade completa de arcebispo e artista.

\*

\* \*

Seguindo pela rua de Nossa Senhora do Leite, cuja ima-

---

(1) *História Ecclesiastica dos Arcebispos de Braga*, 2.<sup>a</sup> parte—Dom Rodrigo da Cunha.

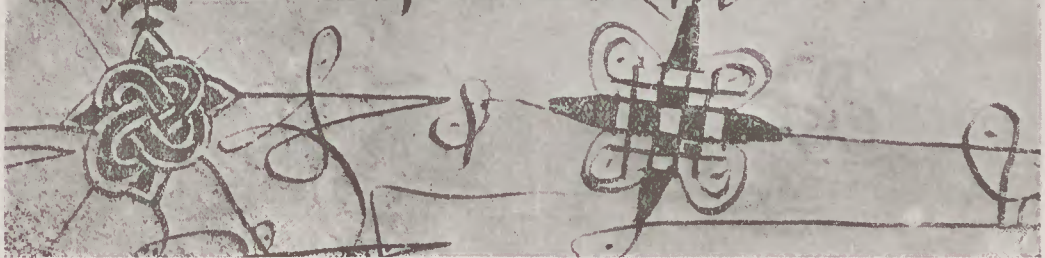




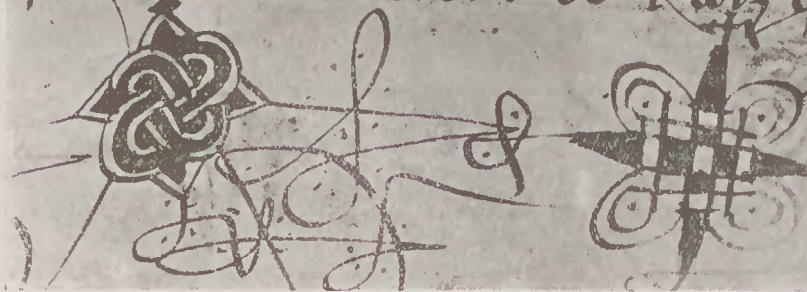
**E**m Nome de d's Amen. Saibham  
Quanto Este Estrom<sup>to</sup> De Institue  
icaom pera o caso abairo nomeado  
Instituido e ordenado virem Como no  
Anno do nascimento de nosso. Snor Jhu  
xpo de mill e Quinhentos e trinta Anos  
Aos dezaseis dias do mees de feuerzeiro  
Do dcto Anno nesta muy Antigua e  
Sempre lial Cidade de Bragua nas  
Casas da morada do Snor doctor Jm<sup>o</sup>  
De Coimbra prouisor Em Este Arcebado  
Estando Elle dcto Snor doctor presen  
e Em presenca de mim tabalia n<sup>o</sup>  
das testemunhas Abaixo nomeadas  
logo p<sup>to</sup> dcto Snor doctor foy dcto  
que assy Em Verdade q Elle tinha  
licenca del Rey nosso sor pa poder  
Comprar Bens de R<sup>o</sup>iz pa dotar  
hua Capella q tinha feta na f<sup>o</sup>  
De sao Johao do souto e q Elle ora  
tinha comprado Alguã fazenda  
Ag<sup>ta</sup> tinha Asentado nos l<sup>o</sup>



do e morarizado da villa de guima  
racs conforme a carta de sua Alteza.  
E que elle speraua ao diante com  
praz mais dando lhe os vida e q  
da dita fazenda que comprada  
e assentada tinha dotaua e fazia  
ordenaua e cnaua. A dita capella  
no modo que se ao diante segue.  
Aguall carta del Rey nosso snor  
e ordenamta e justituicao da dita  
capella hum apos outro he o segite.  
Circulado da carta de sua Alteza e  
Dom Joham per graca de ds Rey  
de portugal e dos Algarues da que  
e dallem mar Em Afrigua snor de  
guinee e da conquista nauegacao  
comercio de tiopia Arabia persya e  
da India. Aquamta Esta minha



Carta virem faco saber q̃ o doctor j̃m  
de coimbra promissor do Arceppado de bra  
gua me fez Enformatão que elle por  
serviço de nosso sñoz. e de t̃p̃p̃ago de  
sua Conciencia e p̃llas Almas aque era  
obriguado fazia huã Capella da Inuoca  
ção de nossa sñora da concepção Em  
Agria de São João do soute da d̃ta  
cidade de bragua pera nella fazer sua  
sepultura pedindo me por merce q̃  
por Quanto elle q̃ria compiar  
bens de Raiz pera leixar e dotar a  
d̃ta capella pera se dizer nella cada dia  
missa. E leixar por Administrador o seu  
parente ou parenta leigo mais chega  
do ouuese por Bem q̃ elle poder comp  
prar os d̃ta bens. E visto por mim  
seu Reguim<sup>to</sup> e q̃remdo lhe fazer  
graca e merce tenho por bem e lhe  
dou' lugar e licenca q̃ elle possa co  
prar todos os bens de Raiz q̃ lhe apru







**D**om dieguo de souza p merce de ds. e da s<sup>ta</sup> igreja  
 de Roma Arcebp<sup>o</sup> e sm<sup>or</sup> de bragua p<sup>mo</sup>s dos espa  
 nhas. f<sup>o</sup> f<sup>o</sup> fazem<sup>o</sup> Sab<sup>o</sup> ag<sup>o</sup>ntos. este Nosso alia<sup>o</sup> virem  
 q<sup>o</sup> Sendo nos. Requirido e emfirmado p<sup>to</sup>. Doctor Jn<sup>o</sup> d  
 coimbra nosso promisor q<sup>o</sup> elle tinha. f<sup>o</sup> f<sup>o</sup> hua capella  
 em esta nossa Cidade em a igreja de sao Jo<sup>o</sup> do sou  
 to. Ag<sup>o</sup>l<sup>o</sup>. dotara certos becs. e f<sup>o</sup> fazemda e f<sup>o</sup> fezera sua insti  
 tuicao. catinha. Ag<sup>o</sup>ntada e notada No liuro dos n<sup>o</sup>t<sup>o</sup>s  
 de thomee diz tabalião. em esta Nossa Cidade. p<sup>o</sup> ante  
 o g<sup>o</sup>l<sup>o</sup>. t<sup>o</sup>am<sup>o</sup> e p<sup>o</sup> ante As testemunhas. q<sup>o</sup> pa. yro Rogou  
 elle Comcedeo e f<sup>o</sup> f<sup>o</sup> e outorgou todo o na dita insti  
 tuicao c<sup>o</sup>thjendo e por q<sup>o</sup> o d<sup>o</sup>to thomee diz he c<sup>o</sup>tinuada m<sup>o</sup>te  
 occupado Com seu o f<sup>o</sup>ficio em occupacoes c<sup>o</sup>tinuas e mny.  
 nece<sup>o</sup>sarias A Republica e asy sua letra Nao he tao boa  
 pa. se tirar da n<sup>o</sup>tta. A insti<sup>o</sup>tuicao p<sup>o</sup>petua. e de tanta imp  
 ortancia e q<sup>o</sup> se adue<sup>o</sup>r e amdo<sup>o</sup> p<sup>o</sup> mnyas maos. Nos pi  
 dia por merce Nos aproue<sup>o</sup>r de darm<sup>o</sup> licen<sup>o</sup>ca ao d<sup>o</sup>to  
 thomee diz que esta insti<sup>o</sup>tuicao. e sp<sup>o</sup>ue<sup>o</sup> p<sup>o</sup> outra pessoa  
 e nos. vendo as Rezo<sup>o</sup>es Arima d<sup>o</sup>ta<sup>o</sup> e como asy he  
 ddade. Nos apraz. e dam<sup>o</sup> licen<sup>o</sup>ca. e lugar ao d<sup>o</sup>to  
 thomee diz. tabalião. que p<sup>o</sup> outra. p<sup>o</sup>a. possa tirar tres  
 t<sup>o</sup>rellados. do d<sup>o</sup>to. liuro. de suas n<sup>o</sup>t<sup>o</sup>s. em q<sup>o</sup> esta s<sup>o</sup>pta  
 A dita insti<sup>o</sup>tuicao. os quaes se<sup>o</sup>rao. s<sup>o</sup>ptas. ddadeira m<sup>o</sup>te  
 e c<sup>o</sup>fortados. e c<sup>o</sup>lacionados Com elle d<sup>o</sup>to thomee diz e out<sup>o</sup>  
 tabalião. e assigna<sup>o</sup>ao. ao p<sup>o</sup>ce. de cada lauda. de seus signaes  
 pub<sup>o</sup>ricos. e este Nosso. alia<sup>o</sup> se<sup>o</sup>ra s<sup>o</sup>pto e t<sup>o</sup>rellado. Na.

ffim da dita Instituição pa. em todo tpo. se saber abiz-  
dade e não auer a hy Juuida. Affta Em esta nossa  
cidade de Braga sob. Nosso signal e sello a dezagris-  
da. brull Do Anno do Vlastimento de nosso sr  
Jhu xpõ de. 1530. annos.

Dazrtpo  
p m a c



Dom diogo de souza. pmerce de ds. e da dita madre  
Igreia de Roma Arcebpõ. e smor. de braga. primas  
das Espanhas. fazemos saber. Aqñtz este Nosso





gem enche de graça a ousia rendilhada da Sé, e mesmo aquelas pedras que estão mais longe dela, onde se incrustam, enegrecidas já, algumas inscrições; e passando depois à rua de S. João do Souto e ao largo onde esta remata, encontramos a Capela dos Coimbras ou de Nossa Senhora da Conceição, erguida como uma atalaia, defendida com a sua linha de ameias floridas a contrastar com o vasado elegantíssimo da grilhagem absidal da Sé que quasi lhe fica fronteira. Êste monumento de traços tão simples e tão original na architectura religiosa portugêsa, encosta-se pelo lado Norte à igreja paroquial de S. João do Souto, esta com a sua fachada de um inexpressivo e pesado barroquismo, delineada por um reformador de atrofiado gosto e que viveu num século ofensivo e ignorante da beleza medieval.

De facto, parece ter sido êste templo de S. João um dos melhores monumentos da Braga antiga: no *Liber Fidei*, do Arquivo do Arcebispado, havia um documento marcado com o número 468, referente à doação da igreja de S. João do Souto e suas pertenças e padroado, feita no ano de 1131 por Pedro Aurífice e por sua mulher Elvira Midis, seus fundadores, a D. João Peculiar, Arcebispo de Braga. E Senna Freitas <sup>(1)</sup> diz que num antigo livro do arquivo da igreja, chamado *Livro das Lembranças*, se mencionam doações feitas em 1373 à confraria de S. João Baptista.

---

(1) *Memorias de Braga*, Tomo 2.<sup>o</sup>—Senna Freitas.

Depreende-se dêstes documentos que naquele lugar, onde hoje se encontra a igreja de S. João do Souto, existiu uma outra mais humilde, presumivelmente dedicada a êste santo, e ampliada depois por D. Diogo de Sousa que para lá transferiu em 1512 a imagem de S. João Baptista existente no castelo da cidade, junto à torre de menagem, numa capelinha cujos vestígios ainda no século XVIII se conheciam. A primitiva designação de S. João Baptista seria depois substituída pela de S. João do Souto.

Como se sabe, D. Diogo de Sousa, o grande reedificador e construtor, abriu através um grande souto, que naquele lugar se estendia, uma nova rua, a conhecida hoje que parte da abside da Sé até ao largo: esta nova artéria tomou o nome de rua de S. João do Souto, e a igreja adoptou também esta invocação. O mesmo arcebispo rodeou de muros aquela parte vizinha do templo, fazendo neles um arco e porta onde num nicho foi colocada a imagem de Nossa Senhora.

O que resta de primitivo nesta igreja de S. João do Souto? Infelizmente, nada. A velha construção foi substituída pelo que lá hoje se vê, em 1758, no tempo do arcebispo D. Gaspar de Bragança.

Pinho Leal diz no seu *Portugal Antigo e Moderno*, na parte relativa a Braga, que na Congosta, que desemboca no Campo de Sant'Ana, serve de entrada a um quintal um bellissimo portal que foi desta igreja, e ornado de flores, frutos, colunas e anjos.

Esta informação obrigou-me a percorrer cada um dos quintais da referida travessa, não encontrando absolutamente nada que me interessasse, não colhendo mesmo nenhum elemento que apoiasse o texto de Pinho Leal publicado em 1873: a verdade é que por ali ninguém se lembrava ou sabia de tal porta. Há, efectivamente, na rua do Sardoal, a servir de entrada para o quintal do Sr. Dr. Artur Novais Vilaça, uma porta que pertenceu, segundo os dados que obtive, à igreja de Sant'Ana, edificada por D. Diogo de Sousa, e demolida, há poucos anos ainda, para embelezamento da cidade! É ogivada, com uma decoração muito simples, vendo-se no fecho do arco um escudo cuja inscrição ou data primitiva foi substituída por outra mais moderna, do ano de 1777, o que me levou a supor alguma transformação bárbara no referido templo de Sant'Ana, ou reedificação nefasta, como na Sé e em outros monumentos.

Mas se a igreja de S. João do Souto não conserva o mínimo vestígio da sua antiga fábrica, pois tudo se subverteu na reconstrução insultuosa do século XVIII, a Capela de Nossa Senhora da Conceição oferece a sua fisionomia antiga, desde o patinado da pedraria às imagens puidas, à planta inicial tão marcante pela originalidade.

Nesse largo de S. João do Souto, tão iluminado, a capela destaca-se como uma nota cheia de beleza arquitectónica, muito sóbria, no meio do casario incaracterístico que substituiu as velhas moradias onde avultava o nobre

solar dos Coimbras, residência dos administradores da mesma capela. O snr. Dr. José Machado, num artigo publicado na *Ilustração Portuguesa*, em 1906, descreveu esta boa relíquia da habitação portuguesa quinhentista, arquivando com umas oito fotografias alguns dos seus aspectos: o da fachada, o das trazeiras do edifício, com a interessante janela da cosinha, ornamentos no telhado da cocheira, pátio e escada, e as variadas janelas de panos e arcos lavrados, mas já sem os maineis que as geminavam. Tudo isto foi demolido há poucos anos ainda, numa fúria insultuosa de renovação.

Nós, que tão poucos documentos possuímos da história da habitação em Portugal <sup>(1)</sup>, temos primado nesta perseguição demolidora que subverteu e ofendeu a existência dos velhos estilos que dignificavam as fachadas dos templos e das construções laicas.

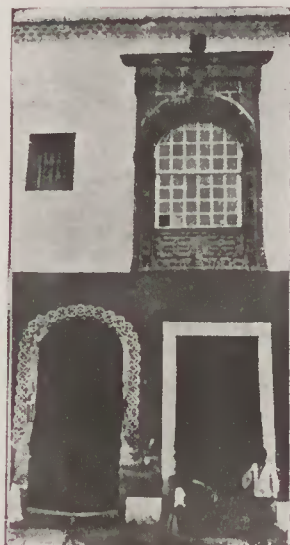
A Capela de Nossa Senhora da Conceição salvou-se dos mutiladores, escapou à sanha destruidora que demoliu o solar, mantendo, pode dizer-se, desde a sua fundação até hoje, a mesma fisionomia.

Esperava eu encontrar àcerca dêste monumento uma elucidativa documentação que, além dos elementos relativos

---

<sup>(1)</sup> Ver também no 2.º vol. das *Notas sobre Portugal*, o belo estudo do Professor Snr. Dr. João Barreira ácerca da história da habitação no nosso país.





# PALÁCIO DOS COIMBRAS (hoje demolido)

BRAGA

(JANELAS)

(Cl. das *Notas Sôbre Portugal*).







CAPELA DE NOSSA SENHORA DA CONCEIÇÃO

(GRADEAMENTO DA GALILÉ)

Cl. do Autor.



à data da construção, dissesse alguma coisa sôbre os artistas que nela trabalharam.

No arquivo da casa dos Coimbras devia existir tudo isto, e nesta suposição me dirigi ao Snr. D. José de Queiroz Lencastre, actual representante daquela família e proprietário, portanto, da capela, para ver se conseguia obter mais alguns dados que completassem os da única fonte que pude ver e cuja reprodução, em gravura, de alguns trechos, dou pelo seu interêsse nêste estudo: o *Instrumento de Instituição do Morgado de Nossa Senhora da Conceição*.

A resposta do Snr. D. José de Lencastre não foi inteiramente negativa, parecendo provável a existência de mais documentos alusivos à capela dentro do seu espólio, ainda por ler e classificar, contendo talvez, eu sei lá, os nomes dos escultores e canteiros cuja identidade tanto e tanto me interessava.

É desanimador o estudo de um monumento só por si, sem a documentação que cite os artistas ou faça a sua história. Nêste caso, não vamos além das pedras inscricionais e de um manuscrito em pergaminho onde se contem o referido *Instrumento de Instituição*, pelo qual se vê que a 16 de Fevereiro do ano de 1530, na muito antiga e sempre lial cidade de Braga, nas casas da morada do Doutor João de Coimbra, provisor no arcebispado, êste, em presença do tabelião e testemunhas, disse que "elle tinha licença del Rei para poder comprar bens de Raíz *para dotar uma capela que tinha feita na Igreja de São Johão do Souto*",

seguindo-se depois o traslado da carta passada em Lisboa a 12 de Março de 1527, em que D. João III concede licença ao Dr. João de Coimbra para adquirir bens de raiz *para sustento da sua capela*.

Esta carta foi já publicada no *Diccionario Historico e Documental dos Architectos, Engenheiros e Construtores Portugueses*, coordenado por Sousa Viterbo, a páginas 515, 2.º volume, e encontrada no Arquivo da Torre do Tombo entre os documentos pertencentes à Chancelaria de D. João III — Doações, livro 3.º, fol. 61:

Dom Jº &c A quamtos esta minha carta virem  
faço saber que o doutor Joham de Coimbra, prouisor  
do arcebispado de Braga, me fez emformaça que elle  
por seruiço de noso Senhor e descarguo de sua  
comsyemça e pellas almas a que era obrygado faziam  
(sic) hũa capela da emvoçam (sic) de nosa Senhora da  
Comceiçam na igreja de sam Jº do Souto da dita cidade  
de Bragua pera nella fazer sua sepultura, pedimdo por  
merce que por quamto elle querya comprar bees de rayz  
pera lleixar e dotar a dita capela pera se dizer nela cada  
dia misa, leixar por menystradør a seu parente ou  
parenta lleiguo mais achegado e ouvese por bem que  
elle podese comprar os ditos beës, e eu visto por mim  
seu requerimento e queremdolhe fazer graça e merce  
tenho por bem e lhe dou llugar e licença que elle posa  
comprar todos os bees de rayz que lhe aprouer para  
dotar e leixar a dita sua capela, os quaes bees que asy  
comprar nam serem em meus regemguos nem teras





CAPELA DE NOSSA SENHORA DA CONCEIÇÃO

S. TIAGO (?)  
(Exterior – Lado Sul)

Cl. do Autor.





jugadeyras nem bees que a mim sejam obrigado em allguũ foro e trabuto e quãdo os comprar os registara e fara delles asemto no liuro do almoxarifado de omde os comprar com toda a decraraçã dos bees que sam em sua mediçã das pessoas de que os ouve e comprou e por que presos pera sempre se saber quamtos e quaes os ditos bees sam e como foram comprados per minha licença pera se dotarem e leixarem a dita capela, esta licença lhe dou com tall decraraçã que o menistrador da dita capela seja lleiguo e de minha jurdiçã e lleixando a dita menys-traçã a pessoa que não seja asy lleigua de minha jurdiçam se perderam pera mim todos os ditos bees, e com esta llemitaçam lhe outorguo a dita licença, e esto me praz e lhe outorguo sem embargo de minha ordenaçã e de quallquer outra cousa que hy aja em contrario per que seja defeso e mando que se nam posa pellas pessoas ecresiasticas fazer as symylhantes compras sem minha utoridade e licença, a qual quero e mãdo que nysto nã aja llugar. Porem mãdo a todos os meus corregedores, juizes e justiças officiaes e pessoas a que esta minha carta for mostrada e o conhecimento della pertemcer que em todo lhe compam e guardem e façam comprry e guardar como nella se comtem sem duuida nem ãbarguo algum que lhe seja posto, por que asy he minha merce.

Dada em a minha cidade de Lixboa a xij dias de março—Bertolameu Fernamdez a fez—de jbc° xxbij».

Àparte algumas incorrecções que Sousa Viterbo aponta, o texto da carta que se encontra como traslado na Insti-

tuição e o texto depositado no Arquivo do Tombo concordam perfeitamente.

Pela Instituição se vê que o Doutor João de Coimbra deixou e dotou a sua *capela de Santa Maria da Conceição pelo assim sentir por serviço de Deus e por descarrego da sua consciencia*, entre outras, com as seguintes coisas:

Um calix de prata dourada, com sua patena dourada também, com esmaltes no nó do meio e no pé um rótulo com as suas armas.

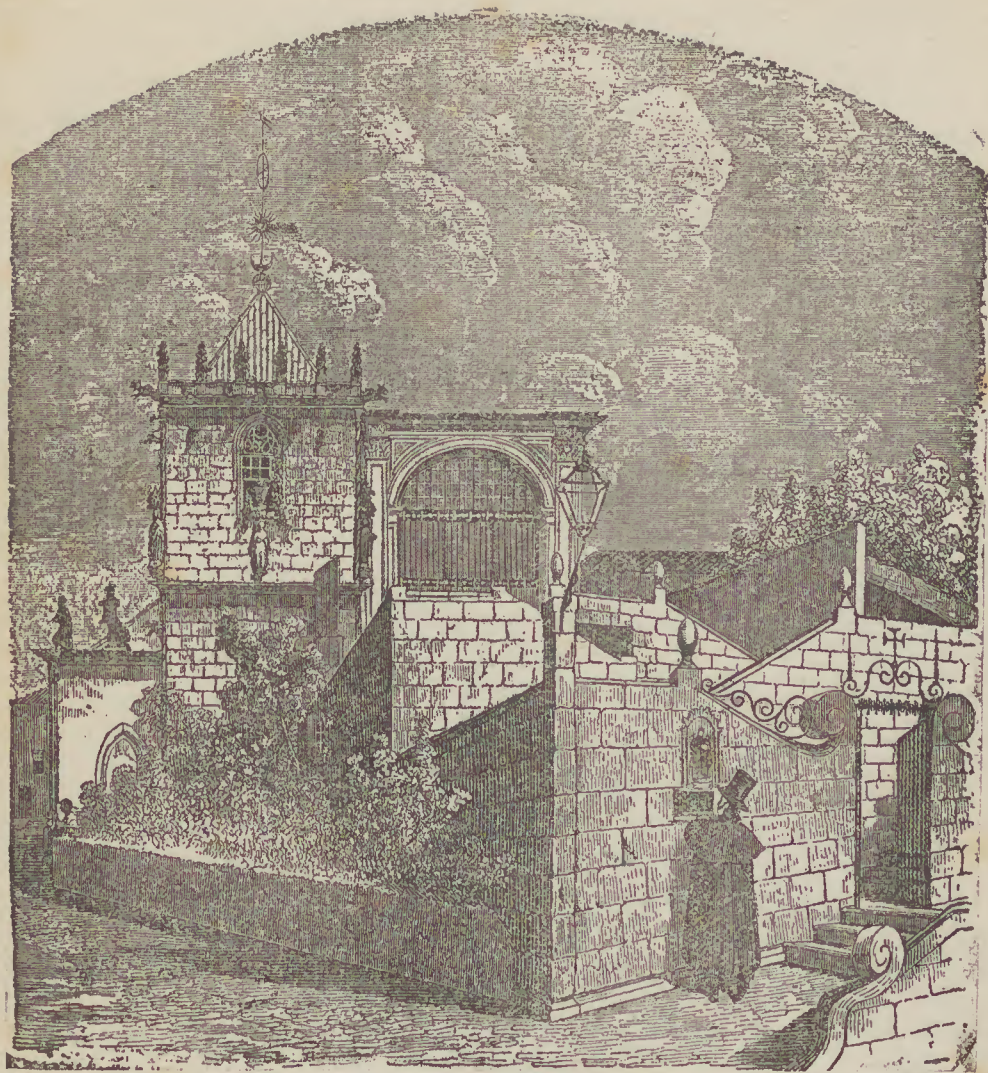
Uma vestimenta de damasco branco com sebasto de veludo carmezim, com sua franja e alva estola e umas 6 outras vestimentas.

Um livro missal de pergaminho místico *do costume de Bragua*, encadernado com tábuas, coberto de couro vermelho...

Para onde iriam êstes utensílios do culto?

Desapareceriam, certamente, como muitos do tesouro da Sé, desfalcado criminosamente por ocasião das invasões francesas, que tanta e tanta preciosidade nos levaram — só com a prata e ornamentos que D. Diogo de Sousa deu à catedral "se podia bẽ servir hũa das maes graues e ricas



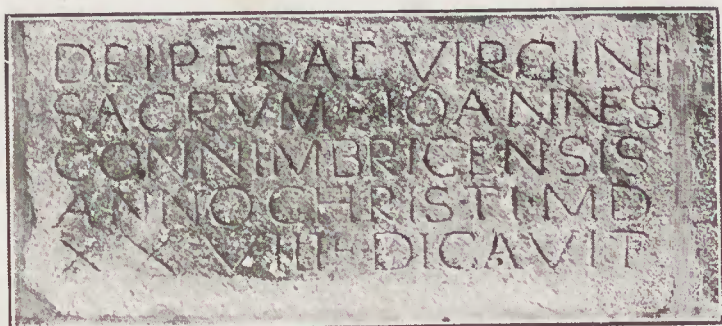


## CAPELA DE NOSSA SENHORA DA CONCEIÇÃO

Desenho de Nogueira da Silva, publicado em 1861 no ARCHIVO PITTORESCO, onde, além do aspecto, hoje modificado, do lado Sul do monumento, se vê o padre capelão recolher o dinheiro lançado na caixa das esmolas.







Inscrição comemorativa da consagração da Capela (*Galilé, interior, parede do lado Sul*)

Cl. do autor.



Sès de toda a Hespanha,, segundo informava D. Rodrigo da Cunha na sua *Historia Ecclesiastica dos Arcebispos de Braga*, 2.<sup>a</sup> parte, publicada no ano de 1635.

No mesmo pergaminho, mais adiante, lê-se:

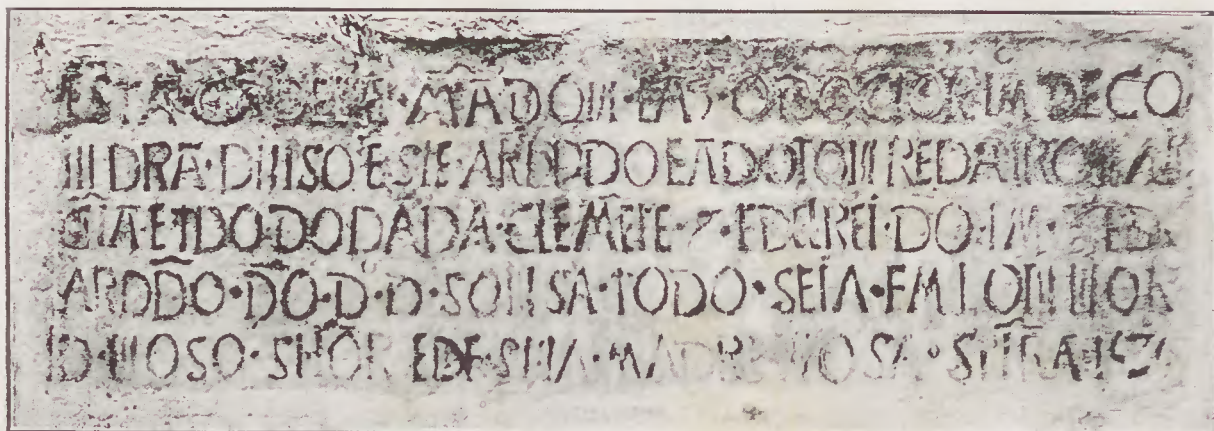
"Deixo a Cristovão de Coimbra, meu sobrinho, leigo administrador da *capela de Santa Maria da Conceição que tenho feita* NA Igreja de S. João do Souto, a dentro dos muros desta cidade de Braga, umas casas sitas na Rua de S. Marcos, defronte da porta da dita igreja de S. João do Souto em que eu vivo com todas as suas entradas e saídas, estrebarias e jardim. . . ,

Reparemos desde já que em mais de um ponto se vê no *Instrumento de Instituição* que a capela de Nossa Senhora da Conceição foi *feita na Igreja de S. João do Souto*. Hoje quási independente desta, estava outrora, segundo parece, na mais íntima ligação, como veremos.

À frente do monumento, vestibulando a entrada, encosta-se a galilé, de arcos abatidos, com duas elegantes colunas ao centro, defendida por torneadas grades de ferro encimadas por uma bem trabalhada decoração barrôca, de folhagens e flores, onde se destaca, ladeado por duas crianças nuas e animais estilizados, o braço dos Coimbras com o elmo

tarado de perfil e timbrado por uma estrela. Por cima, no telhado, com o peso assente na cornija, vemos umas esculturas que representam um fauno, S.<sup>to</sup> Antão, um lião, S. Paulo Eremita, e um centauro, não se encontrando já lá hoje o corvo que segurava um pão no bico e que figurava numa coluna de pedra erguida ao meio, exactamente sobre o baixo relêvo que repete o mesmo motivo e acompanhado da palavra CORVVS, tudo isto alusão, talvez, a algum acontecimento notável da família Coimbra mas envolvido pela fantasia e pela lenda.

Na outra divisão do edificio, occupada pela sala que o Provisor João de Coimbra destinou para arquivo da sua casa, abrem-se duas janelas de arcos redondos e colunelos reintrantes, geminadas, de tímpanos lobulados à maneira do gótico flamejante. E na silharia escura da torre, por cima da moldura que a abraça, esteiam-se em elegantes mísulas doceladas de baldaquinos, imagens que o artista cinzelou na branda pedra de Ançã: voltada a oeste, salienta-se a estátua da Virgem com o Menino, ainda não há muito encerrada num oratório de ferro envidraçado, mandado retirar depois por iniciativa de Albano Belino, pessoa a quem o Snr. D. José de Lencastre confiou certas obras de restauro na capela; e em cada um dos ângulos, junto ao cordão que desce pelos cunhais, estão as imagens de S. João Baptista e de S. Paulo, seguindo-se mais duas estátuas do lado Sul, uma também sob a janela e a outra quasi encostada à capela de Santo António dos Esquecidos, provavelmente representando S. Pedro e S. Tiago.



Inscrição com a data da Fundação da Capela (*Sala do Arquivo, parede do lado Oeste*)

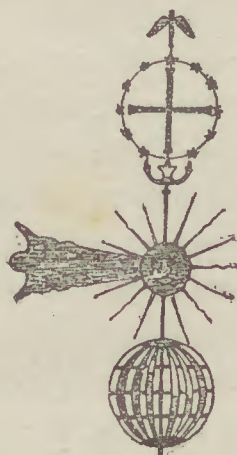
Cl. do Autor.





Da cornija nascem gárgulas, com os motivos conhecidos dos bestiários, umas maiores do que outras, segurando aquelas escudos armoriados onde se distingue o braço do arcebispo D. Diogo de Sousa.

Uma linha de ameias floridas engrinalda a parte superior da torre coberta por um telhado de quatro vertentes, outrora revestidas de azulejo, de cujo vértice rompe uma bem interessante grimpá de ferro, já modificada por ulterior



restauro, com a esfera armilar na base e na haste a bandeira dos ventos, com o sol radiado, e por cima, como remate, a cruz inscrita num círculo de estrelas tendo ao alto a pomba do Espírito Santo. A primitiva consistia na esfera de ferro com a lua e o sol, irradiando dêste a bandeira dos ventos onde figuravam as armas dos Coimbras, e por cima a cruz circunscrita de estrelas. É das veletas mais curiosas, merecendo a atenção de Rocha Peixoto que a citou na *Portugália*, 2.º

volume, a par de muitas outras, em um estudo ácerca dos cataventos portugueses.

\*

\*

\*

Segundo informa o *Termo de apegção* desta capela, datado do mês de Maio, do ano de 1756, <sup>(1)</sup> a galilé era abobadada:

“Tem esta capella um frontispicio para a rua de São João do Souto virado para o poente, com seu cabido antes de se entrar n'ella e este cabido se sustenta em bem lavradas columnas e arcos de pedra fechados com uma abobada de pedra.”

Pelas obras lá executadas ou a abóbada desapareceu ou está encoberta, o que parece infelizmente não succeder, ou então o descritivo feito no citado termo de apegção é inexacto.

A galilé esteve muitos anos desfigurada interiormente por duas pequenas sacristias que foram mandadas demolir

---

(1) O Snr. D. José de Lencastre, acedendo ao meu pedido de conhecer alguns documentos relativos à sua capela, confiou-me a cópia dêste *Termo de apegção*, lavrado em Maio de 1756 ou de 1746: menciona as duas datas, porque a presente cópia começa com o ano de 1756 e encerra-se com o de 1746, havendo, sem dúvida, êrro por parte do copista na transcrição de uma das datas, pelo menos.



CAPELA DE NOSSA SENHORA DA CONCEIÇÃO

(ABÓBADA)

Cl. do Autor.





por indicação de Albano Belino <sup>(1)</sup>. José Caldas, fala, numa nótula que em 1885 publicou ácerca dêste monumento, <sup>(2)</sup> na sacristia de paramentação onde se lia a inscrição relativa à consagração da capela em 1528. Ora esta sacristia de paramentação desapareceu como se viu, ficando, contudo, no mesmo lugar, na parede do lado Sul, a importante inscrição que adiante reproduzo. Na parede, do lado Norte, fez gravar Albano Belino uma outra inscrição alusiva aos trabalhos de restauro comemorativos do 50.º aniversário da definição dogmática da Imaculada Conceição.

A galilé não era de modo nenhum a entrada da capela: as pedras foram depois cortadas para a passagem exactamente no espaço compreendido entre as duas colunas. Fizeram-se obras que a alteraram em alguma coisa, observando muito bem o Snr. Aguiar Barreiros num dos artigos publicados em 1921 no jornal *A Época*, ácerca dêste monumento, que "o desvão e cunhal da esquerda tornados mais amplos por descuido nas medidas, fez avançar no sentido da largura todo o lado direito, parecendo ser a galilé de outra proveniência, o que se não dá. Conjugue-se a desigualdade da largura dos desvãos e dos cunhais com a diversa qualidade do granito da par-dieira sôbre o desvão da esquerda, para nos convenceremos da mal cuidada reparação.„

---

<sup>(1)</sup> *Arte e Natureza em Portugal—Capela de Nossa Senhora da Conceição*, Albano Belino, 1908.

<sup>(2)</sup> *A Capela Antiga do Senhor Morto em Braga*, José Caldas.

A galilé, que mede interiormente 2<sup>m</sup>60 de comprimento e 4<sup>m</sup>18 de largura, tem abertos nas paredes Sul e Norte, em ambas as faces, dois arcos fingidos.

A porta de entrada da capela, sob a galilé, é em ogiva, e decorada com motivos renascença, notando-se no fecho do arco o braço de D. Diogo de Sousa, com as quinas e os crescentes, e por cima a figura de um anjo segurando um escudo com uma cruz, figura que os restauradores certamente mutilaram para a modernização da cobertura.

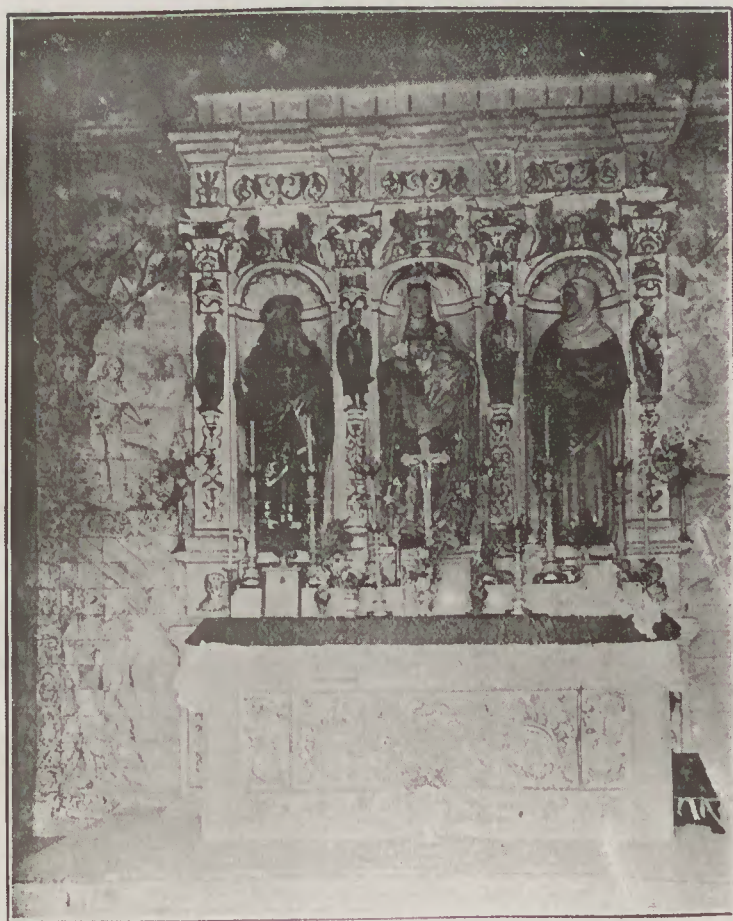
\*  
\*   \*  
\*

Construída na primeira metade do século XVI, a Capela dos Coimbras é essencialmente de estrutura gótica, marcada com tanta beleza na sua abóbada polinervada. Não é renascença a alma deste edifício, desta original quadra, onde a imaginária dos nichos e altares pertence ao renascimento francês.

Os artistas biscainhos espalharam-se por várias terras de Portugal. Em Coimbra vemos em pleno domínio Diogo de Castilho que sucedeu a Marcos Pires, ocupando primeiro, a 7 de Abril de 1524, o lugar de *mestre de obras de pedraria* do mosteiro de Santa Cruz, espalhando a sua actividade artística por outros lugares circunvisinhos, como Góis e S. Marcos (<sup>1</sup>), e colaborando com o escultor Nicolau Chaterene, o admirável lavrante francês.

---

(<sup>1</sup>) *O Mosteiro de S. Marcos* — Dr. Teixeira de Carvalho.  
*João de Ruão e Diogo de Castilho* — Dr. Teixeira de Carvalho.  
*Um túmulo Renascença* — Dr. Vergílio Correia.



CAPELA DE NOSSA SENHORA DA CONCEIÇÃO

(ALTAR-MOR)

Cl. do Autor.



A propósito da capela mór da Sé de Braga, dizia, em 1706, o P. Carvalho da Costa na sua *Corografia Portuguesa* (Vol. I, pág. 173):

A Capella mor tem excellente retabolo, todo de pedra, que obrarão os Biscainhos por ordem do Arcebispo Dom Diogo de Sousa dos quaes ficarão muitos na Cidade, e fundarão casas em huma rua, que chamão dos Biscainhos, pela dilatada assistencia, que tiverão em o fazer. „

De facto, ainda lá hoje existe a rua dos Biscainhos, sendo muito provável que estes artistas tivessem vindo para Portugal chamados a Braga por D. Diogo de Sousa, que lhes confiou várias e importantes construções no seu arcebispado.

Da cidade primaz teriam irradiado para outras terras, contando-se entre elles os irmãos e filhos de João de Castilho, gente nobre, com armas assentes e registadas no Livro da Nobreza <sup>(1)</sup>, armas que poderam usar em Portugal por carta de D. Sebastião, datada de 1561.

O architecto que dirigiu a construção da capela mór da Sé, nomeadamente da sua abóbada, devia ser o mesmo que

---

<sup>(1)</sup> *Diccionario Historico e Documental dos Architectos...* — Dr. Sousa Viterbo.

*João de Ruão e Diogo de Castilho* — Dr. Teixeira de Carvalho.



traçou a da Capela de Nossa Senhora da Conceição e que edificou ou reedificou o solar dos Coimbras.

A imaginária da Sé, tanto a do admirável frontal do altar mór como a que povôa os nichos da galilé, não é com certeza das mesmas mãos que cinzelaram as esculturas da capela construída pelo provisor, o Dr. João de Coimbra.

O artista ou artistas da Capela de Nossa Senhora da Conceição seguiram mais os paradigmas do renascimento.

\*  
\*      \*

Entrando-se na capela, admira-se, em primeiro lugar, a abóbada, ornada de florões onde, ao centro, no fecho, cercado de oito discos aparece o braço dos Coimbras: em campo de prata um ramo verde, o cardo talvez, com uma estrela de ouro em chefe, da parte direita, tudo orlado por uma corda de ouro <sup>(1)</sup>.

Em frente da actual entrada encontra-se o altar mór, em pedra branda, com as suas pilastras e entablamento decorados segundo a renascença, aparecendo o bucrânio, os grotescos, e na predela, enquadrados em rectângulos, bustos em baixo relêvo com as figuras tão características do estilo. Ao

---

(1) Sei que o Snr. Dr. José Machado vai publicar no número a sair do *Boletim do Arquivo distrital e da Biblioteca Pública de Braga* um artigo acerca do braço dos Coimbras, cujo texto e conclusões desconheço, que certamente explicará a razão das figuras heráldicas colocadas no seu *campo*.



CAPELA DE NOSSA SENHORA DA CONCEIÇÃO

(ALTAR-MOR)

A Virgem

Cl. do Autor.





CAPELA DE NOSSA SENHORA DA CONCEIÇÃO

(ALTAR-MOR)  
Sant'Ana

Cl. do Autor.





centro do retábulo, protegida por um baldaquino com o docel estrelado, está a padroeira da capela segurando no braço direito o menino e amparando no esquerdo uma pomba que debica os bagos de um cacho que a mão do pequenito lhe estende: o manto envolve com simplicidade esta escultura que me lembrou um pouco em nobreza e graça a Virgem de João de Ruão, vinda do mosteiro de Celas para o Museu Machado de Castro em Coimbra; é a mesma testa alta, o mesmo olhar parado de encantamento.

Dos lados do Evangelho e Epístola, respectivamente, sob baldaquinos cavados superiormente em concha, vemos as imagens de Sant'Ana e de S. Joaquim, a primeira sorrindo-se, com um naturalismo que recorda essa figura de *Mulher conduzindo um menino*, exposta no mesmo Museu, "magistral especimen da estatuária da renascença coimbrã," do século xvi, como a classificou o Snr. António Augusto Gonçalves. Não são vulgares no nosso país exemplares como êstes. Todas as imagens cinzeladas em calcáreo formam com as Virgens do exterior da abside e do altar mór da Sé um belo núcleo de esculturas renascença em Braga, a que já faltam muitas outras, destruídas ou perdidas, como a de Nossa Senhora-a-Branca, a Virgem das Neves, de quem Carvalho da Costa escreveu na sua Corografia ao falar da cidade primaz:

"A imagem da Senhora he muy magestosa, e devota, suspende os olhos a

quem a vê, e parece-lhe oferecer o Filho,  
que tem em seus braços...„

As esculturas de Sant'Ana, da Virgem e de S. Joaquim são ladeadas por outras imagens mais pequenas e de menor valor, assentes em mísulas protegidas por docéis adossados às pilastras, representando Abraão, Moisés, David e Jacob.

\*  
\*       \*

Compreendendo quasi todo o lado Norte, abre-se para a Igreja de S. João do Souto, de alto a baixo, um arco em ogiva afestonado de lóbulos e fechado por sólidas grades torneadas. Com que fim se realizou esta separação tão nítida entre os dois monumentos?

Lemos no *Instrumento de Instituição do Morgado de Nossa Senhora da Conceição*, datado do ano de 1530 que o Doutor João de Coimbra tinha licença do Rei para poder comprar bens de raíz e com êles *dotar uma capela que tinha feita na Igreja de São Johão do Souto*. Estas palavras, em cuja transcrição insistimos, do velho pergaminho parecem indicar que o monumento religioso mandado construir pelo Dr. João de Coimbra era uma capela lateral enxertada na face Sul da igreja de S. João do Souto. Vendo interiormente êste templo, logo à entrada, ao nosso lado direito deparamos com o elegante arco adornado de finas colunas assentes num baseamento gótico. Esta entrada existiria ao



CAPELA DE NOSSA SENHORA DA CONCEIÇÃO

BRAGA

(DEPOSIÇÃO NO TÚMULO)

Cl. do Autor 1916.







CAPELA DE NOSSA SENHORA DA CONCEIÇÃO  
(DEPOSIÇÃO NO TÚMULO)

Cl. do Autor.





ar livre, sem contacto com o templo edificado por D. Diogo de Souza, ou incorporava-se na igreja, muito para cá do transepto, como succede, por exemplo, que me lembre neste momento, em Vouzela, na sua igreja matriz, onde existe nas mesmas circunstâncias a capela pertencente à *Casa da Cavalaria*?

Quando o Doutor João de Coimbra fez construir a sua capela, reparou ao mesmo tempo a igreja. Isto di-lo a inscrição que se encontra na citada sala do arquivo, no primeiro e único andar da torre, e gravada na parede, junto à janela voltada a Oeste, a 1<sup>m</sup>, 37 do solo:

"Esta capela mandou fazer o Doutor João de Coimbra Provisor em este Arcebispado e a dotou. Repairou a Igreja em tempo do Papa Clemente 7.<sup>o</sup> e de El-Rei D. João III e do Arcebispo Dom Diogo de Sousa. Todo seja em louvor de Nosso Senhor e de sua Madre Nossa Senhora. 1525

Pela fotografia que obtive pode fazer-se fácilmente a leitura. Sabe-se que o arcebispo D. Rodrigo de Moura Teles, visitando em 1706 a capela e a igreja, deixou no livro respectivo, a fls. 49, o seguinte: <sup>(1)</sup>

"Constando-nos que a capella de Nossa Senhora da Conceição de que é

---

<sup>(1)</sup> *Inscripções e Lettreiros da Cidade de Braga*—Albano Bellino.

administrador Joseph de Coimbra de Andrade, só de anos a esta parte tem porta para a Rua, como actualmente tem hoje, porque aonde hoje tem a dita porta tinha uma janella com peitoril e grades de ferro que o tempo consumiu, e da janella fez porta com serventia para a Rua, o dito administrador, servindo-se até ahi a dita capella pellas portas da egreja na occasião em que estavam abertas: e porque da egreja principalmente em que está o Santissimo Sacramento mal se pode entregar a alguém tendo duas chaves em diferentes mãos, e devemos obviar todo o perigo premeditado em semelhante caso, por tanto mandamos que o dito Joseph de Coimbra de Andrade, ou mande pôr a janella de peitoril como estava ou se feche por dentro a porta da capella que vai para a Rua, de maneira que se não possa esta abrir sem primeiro se desfechar por dentro, porque em nenhum tempo o R<sup>do</sup> Abbade desta egreja possa dar por desculpa de algum caso que succeda nella não dever guardar casa que tem duas portas; e esta se executará logo, e advertimos ao administrador mande fazer



CAPELA DE NOSSA SENHORA DA CONCEIÇÃO

(DEPOSIÇÃO NO TÚMULO)

(Estátua jacente de Cristo)

Cl. do Autor.







CAPELA DE NOSSA SENHORA DA CONCEIÇÃO

(DEPOSIÇÃO NO TÚMULO)

(Estátua jacente de Cristo e a arca sepulcral)

Cl. do Autor.



as obras que se lhe ordenarão a visita passada.”

Isto passava-se no ano de 1706.

No Termo de Apegação da Capela de Nossa Senhora da Conceição, datado de Maio de 1756 (ou de 1746, pois aparecem as duas datas na cópia), vemos na descrição do monumento o seguinte:

“Tem mais um grande arco em frente ao Santo Sepulcro, acima dito o qual se fecha com uma grade de ferro bem lavrada e torneada e pintada de verde, *cujo arco é serventia mais comum da Igreja para a dita capella*, <sup>(1)</sup> com sua fechadura, cujas chaves estão sempre em poder do administrador e administradores, que tem sido, e logo da parte da mesma Igreja de São João, acima do dito arco referido está uma porta que dá entrada e serventia para a torre d'esta capella, à qual se vae por uma bem lançada escada de pedra de caracol cuja chave é tambem cessa em poder do administrador d'este Morgado.”

---

(1) O sublinhado é meu.

Por fim, no tempo do Arcebispo D. Gaspar de Bragança, de 1758 a 1789, faz-se a reedificação da igreja de S. João do Souto, lavrando-se uma escritura de contrato com o Administrador dos Morgados dos Coimbras *para se acrescentar a igreja até ao alinhamento da capela respectiva*.

O que seria interessante era verificar, para este problema, a data do *Termo de Apegação*, pois a cópia que vi não oferece, na verdade, uma grande confiança. Se se tratasse do ano 1756 ou 1746, não havia dúvida nenhuma que a capela comunicava com a igreja.

As palavras, porém, que o Arcebispo D. Rodrigo de Moura Teles escreveu, quando da sua visita em 1706, parecem não oferecer dúvidas a este respeito, concordando, afinal, com o que se lê no Instrumento de Instituição e que não é ocioso repetir:

“... uma capela que tinha feita na  
Igreja de São João do Souto,”

Os dados do problema são estes e a resolução não é tão clara como à primeira vista se julga.

Albano Belino no artigo citado, inserto na *Arte e Natureza em Portugal*, (1908) escreveu: “admite-se que a N. encostado desde a primitiva à igreja de S. João do Souto fosse sempre o que ainda hoje é, desprovido de janela e de estátuas.”

Não digo que seja esta a solução, mas a outra oferece



CAPELA DE NOSSA SENHORA DA CONCEIÇÃO

(DEPOSIÇÃO NO TÚMULO)

S. João e a Virgem

Cl. do Autor.





também as suas dificuldades: em todo o caso, os dados do problema aí ficam. Resta averiguar o que é que a Igreja de S. João do Souto avançou até faciar com a Capela de Nossa Senhora da Conceição.

A torre escalaría, encostada a Este, e que se vê ainda hoje, servia para a sala do arquivo, sendo a sua entrada, ao que parece, independente da capela. Quando por lá desce-mos, a primeira e segunda vez, as escadas estavam cheias de entulho: notei que no fundo havia uma saída obs-truída com pedras. É voz corrente em Braga, segundo o que ouvi, que a torre comunicava com um corredor subterrâneo: iria ter ao solar dos Coimbras? Em que di-recção seguia?

A torre foi modificada: quando se descem os primeiros degraus, uns quatro talvez, encontra-se um arco por onde se passa sem dificuldade e que dá para um pequeno desvão onde eu pude ainda encontrar os restos de um baldaquino, mostrando-se assim que a face Este do monumento era adornada de estátuas como as outras.

Depois que foi interceptada a entrada da escalaría, abriu-se, no século XVIII, na parede Sul, mesmo ao lado da Capela de Santo António dos Esquecidos, uma porta que dá para a sala do arquivo onde de interêsse existe apenas a inscrição já mencionada.

Mas voltando ao interior da capela: (1) na parede do

---

(1) A capela mede interiormente 4,<sup>m</sup>86.5×4,<sup>m</sup>67.

lado Sul abriram, junto quási ao altar-mor uma porta que comunica com a sacristia, construída no século XVIII sob a escadaria que dá para a Capela de S.<sup>to</sup> António, e onde se vê ainda, descendo pela parede, o cordão que ornamenta o edificio nos seus quatro ângulos.

E defronte mesmo do arco, que foi outrora a entrada da capela, está um altar com uma *Deposição no Túmulo*: é um trecho renascença, ainda ligado em parte à decoração, ao recorte ogival. No entablamento, apoiado em duas pilastras, lá aparece de novo o braço dos Coimbras. O altar remata ao centro por uma mísula onde se apoia a imagem de Cristo ressuscitado, imagem um tanto desproporcionada para ali.

O lavrante trabalhou sem minúcias aquêlê granito que não é decerto a melhor pedra para decorar pela sua dureza; mas no Norte do país, como era a rocha dominante, teve de ser empregado, conseguindo muitas vezes os artistas pormenorizar motivos delicados cuja execução a ser feita no calcáreo não oferecia nenhuma dificuldade: lembro-me agora, por exemplo, do mausoléu dos Brandões, na Igreja de S. Francisco, do Pôrto, que me parece representar do melhor trabalho em granito.

Fitemos agora a *Deposição no Túmulo*, um tema admirável do passionário religioso, tão versado pelos pintores e pelos escultores, e em Portugal quási nada desenvolvido. E sem querer, recordo Cristovão de Figueiredo, o seu belo quadro do *Museu Nacional de Arte Antiga*, tão piedoso



COIMBRA

## MUSEU MACHADO DE CASTRO

(DEPOSIÇÃO NO TÚMULO) – Século XVI

Cl. do Autor – 1916.







## MUSEU MACHADO DE CASTRO

COIMBRA

(DEPOSIÇÃO NO TÚMULO) – Século XVI

(Atribuída a um dos mais insignes imaginários da renascença coimbrã)

Cl. do Autor – 1916.



nas suas figuras angustiadas que choram o Sacrificado quási em silêncio... E depois os *Monumentos* de Coimbra, da nossa pequenina Florença, guardados na sala onde se conserva a imaginária da Renascença, a *Virgem* de João de Ruão, a *Ceia* de Mestre Udate, retábulos e esculturas isoladas, tudo encerrado naquele ambiente onde parecem resoar os acordes do contrapontismo quinhentista, os compassos de Palestrina ferverosos e imensos...

Os passos da vida do Senhor não serviram de assunto apenas para as artes plásticas. Na bibliografia dos mistérios encontramos os mesmos motivos adaptados às representações sagradas, existindo obras notáveis desta literatura dramática como *Le vray mistère de la Passion* d'Arnoul Greban, obra de 1452, pouco ou nada conhecida entre nós, revivida hoje por L. de la Tourrasse e Gailly de Taurines, e representada ha pouco ainda em Paris, no *Odéon*, com encenação estudada por Antoine e com a partitura arranjada por Tourrasse sôbre temas das duas *Paixões* de Bach, *segundo S. João* e *segundo S. Mateus*, partitura executada no mesmo teatro, mas incompletamente, em 1913, pela orquestra de Bretonneau.

Foram os 34.575 versos do século xv, número que foi elevado com o tempo a 60.000, que os adaptadores reduziram, deixando intacto o sentido e a fisionomia medieval do mistério quatrocentista, onde o triunfo humano alcançado por Jesus no Domingo de Ramos engrandece através o martírio heróico até ao triunfo divino da sua morte e ressurreição.

O tema das Deposições ou Monumentos está nêstes versículos do Evangelho :

38        Post haec autem rogavit Pilatum Joseph ab Arimathae (eo quod esset discipulus Jesu, occultus autem propter metum Judaeorum) ut tolleret corpus Jesu. Et permisit Pilatus. Venit ergo, et tulit corpus Jesu.

39        Venit autem et Nicodemus, qui venerat ad Jesum, nocte primum, ferens mixturam myrrhae et aloës, quasi libras centum.

40        Acceperunt ergo corpus Jesu, et ligaverunt illud linteis cum aromatibus, sicut mos est Judaeis sepelire.

41        Erat autem, in loco ubi crucifixus est, hortus: et in horto monumentum novum, in quo nondum quisquam positus erat.

42        Ibi ergo propter parasceven Judaeo-

rum, quia juxta erat monumentum, posuerunt Jesum.

*(Evangelium Secundum Joannem).*

Os artistas não podiam ser indiferentes à grandeza desta scena lembrada pelos cantos e pelas palavras plangentes do culto: desde os capiteis historiados à estatuária, desde as tábuas dos primitivos às telas dos pintores mais modernos, o passo trágico do Entêrro é sempre um belo e comovido lance.

Interpretado de tantas maneiras, uns esforçam-se por dar a soturnidade do momento, o desespero das santas mulheres, a veemência do treno sagrado, outros interpretam com calma a poesia dos versículos, exteriorizando pouco na face dos seus personagens o que lhes tumultua dentro da alma, depois do drama exaustivo do Calvário... (1)

Notemos a diferença que vai do baixo-relêvo existente no claustro de Santo Domingo de Silos, obra de oficina mourisca, do século XII, ao Monumento de Solesmes, de 1496! Primeiramente, as figuras são rígidas, inexpressivas, embora o artista consiga, apesar da ingenuidade dos processos técnicos, dar um conjunto dramático em que se destaca já o grupo das três *dolorosas* de mãos erguidas junto de Cristo, piedosamente colocado sôbre a pedra tumular, ou ainda os

---

(1) É curiosa a laicização dos motivos da Piedade e da Deposição pelos pintores Ladureau, com o quadro *La Douleur*, exposto no *Salon* de 1914, e Cattet com a tela admirável *Pays de la Mer Douleur*, exposta em 1908 na *Société des Beaux Arts*.



outros personagens do cortejo silencioso, como se vê no díptico de marfim, do fim do século XIII, pertencente à coleção Claudius Côté <sup>(1)</sup>. Depois, a imaginária aperfeiçoa-se, adquirindo dia a dia mais individualidade, enriquecendo-se a mímica dos santos personagens interpretando cada um o seu papel nas cenas plásticas inspiradas nos Evangelhos. Aumenta o número das *Piedades* e das *Deposições* pelas igrejas e capelas, e os artistas definem cada vez mais a acção das suas esculturas, dando-lhes movimento e expressionismo. De um lado, os italianos, como Donatello ou Riccio, um com a sua pequena composição em bronze do Louvre, o outro com o bronze que lhe é atribuído <sup>(2)</sup>, ambos tratando o enterro de Cristo com uma fisionomia veemente, com uma gesticulação de desespero e de angústia que não se apasigua. Do outro lado, imaginários como Hans Decker ou como o autor do *Santo Sepulcro* do Hospital de Tonnerre, concebendo as suas figuras invadidas por um sofrimento que se concentra, que se cala e se desenha apenas num ou noutro traço de desolamento — o manto caído sobre os olhos, a inclinação da cabeça, braços abertos numa compungida reverência ao mártir que mãos piedosas ungem de perfumes. Tenho diante dos olhos a reprodução do fragmento de um grande retábulo policrómico em madeira, do século XV, obra franco-flamenga, da coleção Maignan: uma *Piedade* que

---

<sup>(1)</sup> *Histoire de l'Art*, T. II — André Michel.  
*Les Arts*, Mars, 1907.

<sup>(2)</sup> *Les Arts*, Septembre, 1911.



CAPELA DE S.<sup>TO</sup> ANTÓNIO DOS ESQUECIDOS

BRAGA

(GRADE)

Cl. do Autor.





CAPELA DE S.<sup>to</sup> ANTÓNIO DOS ESQUECIDOS

BRAGA

(ALTAR-MOR)

Cl. do Autor.





exprime esta mesma dor contida, sem gritos e sem esgares; há apenas expressões saudosas moduladas pelo olhar da Virgem e de S. João fitando o corpo hirto do Nazareno, o seu cabelo anelado... (1)

O patético assim aparentemente serêno cede pouco a pouco o lugar ao maneirismo das atitudes, aos gestos convulsivos, como se vê nessa composição atormentada, o *Sepulcro* de Juan de Juny, da catedral de Segóvia, com o martírio ainda exagerado pelo realismo intenso dos artistas espanhóis.

As *Deposições* em Portugal são muito poucas, e reduzem-se principalmente, que eu saiba, aos exemplares conservados no *Museu Machado de Castro*, de Coimbra, dos quais se destaca o mais completo, de autor desconhecido, e que António Augusto Gonçalves tem como um dos mais insignes imaginários da *renascença coimbrã*. Esta obra é, sob o ponto de vista da indumentária, um interessante anacronismo: o artista vestiu os seus personagens com aquela mesma falsa justesa histórica observada nos mistérios pelos ambulantes *confrères de la Passion* que primavam pelo desdém da côr local, do ambiente onde viviam as figuras bíblicas. A *Deposição* existente em Braga, na Capela dos Coimbras não se compara em belesa, em técnica às duas do *Museu Machado de Castro*, principalmente áquela que é atribuída pela autoridade de António Augusto Gonçalves a um dos mais insignes imaginários da *renascença coimbrã*.

---

(1) *Les Arts*, Novembre, 1906.

No *Monumento* de Braga, em calcáreo, bárbaramente repintado, sobresai, em primeiro lugar, a estátua jacente de Cristo, depois as imagens de José Arimathaea e Nicodemo, e merece uma especial atenção a face do túmulo donde se destacam em relêvo as sentinelas adormecidas.

As restantes figuras, talvez posteriores, são de um autor diferente que trabalhou mais grosseiramente a pedra sem esquecer, porém, de vincar nos rostos a expressão maguada e lacrimosa da despedida: o grupo da Virgem e de S. João que a ampara tem a sua intenção dramática.

O conjunto desta composição, *made seemingly of terra cotta* <sup>(1)</sup>, sob o arco é bem distribuido e ordenado, e a figura do anjo que pende da parede, segurando uma legenda, completa como uma viva nota decorativa êste quadro piedoso, a que se ligou certamente mais tarde a estátua de um centurião assente numa mísula à entrada, do lado esquerdo.

As mãos que modelaram o Cristo morto, que lhe plas-maram o torax e executaram os dedos esguios não foram as mesmas que trabalharam as outras imagens ligadas a uma arte quási popular e inferior sob o ponto de vista técnico.

No século XVIII foram feitas grandes obras na capela, sendo toda revestida de azulejo historiando a vida de Adão e Eva, antes e depois do pecado, com as scenas da tentação pela serpente, da expulsão do Paraíso e dos primeiros trabalhos a que os arrastou a fatal desobediência.

---

(1) *Portuguese Architecture*—Watson.

Nesta mesma época, S.<sup>to</sup> António que era ali venerado fóra do monumento, teve também a sua capela edificada com relativa grandeza junto da parede Este da torre em que estava a sala do arquivo: precedida de uma escadaria, já ultimamente modificada, como se pode ver no desenho de Nogueira da Silva publicado em 1878, a capelinha merece especial atenção pelo seu altar todo em pedra, entalhada como se fosse madeira, com os seus dois baixos-relevos alusivos á vida milagrosa do bom santo português, com as suas quatro colunas salomónicas enleadas de pâmpanos, e com o seu frontal ostentando ao centro a basílica paduana.

E aí ficam êstes elementos para o estudo da capela edificada pelo Dr. João de Coimbra na igreja de S. João do Souto, capela que foi também o pequeno panteon da casa dos Coimbras, como se lê no *Instrumento de Instituição do Morgado* e no *Termo de Apegação* mencionados:

"O plano d'ella está solhado de madeira e debaixo d'esta as sepulturas d'onde se costumão enterrar os administradores d'este Morgado e suas famílias e pessoas de sua licença.

Joaquim de Vasconcelos, o ilustre Mestre, dizia um dia, com razão <sup>(1)</sup>, que a fidalguia portuguesa não fôra

---

(<sup>1</sup>) *Monumentos da Arte*—Joaquim de Vasconcelos.

generosa para com os seus mortos, que não se preocupára com a arte senão por excepção: áparte o jazigo dos Silvas, em S. Marcos, o túmulo de D. Luís da Silveira, em Góis, <sup>(1)</sup> os da família Lemos em Trofa (Águeda) e alguns outros, pouco mais existe em Portugal digno de menção. O Provisor do arcebispado de Braga, o dr. João de Coimbra, foi dêsses raros: êle também quiz erguer devotamente o seu monumento para serviço de Deus e descanso eterno para si e morgados da sua descendência.

Pôrto — 1922.

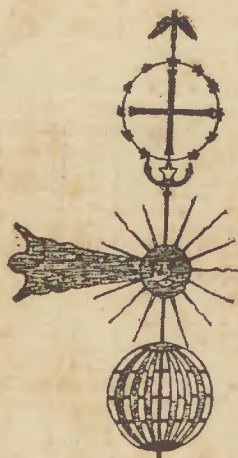
---

(<sup>1</sup>) *Um Túmulo Renascença*—Vergílio Correia.









BLCS - BRAGA



286781

726